

TIEMPO DE CUIDADOS

OTRA FORMA DE ESTAR EN EL MUNDO

(TEMPO DE CUIDADOS - OUTRA FORMA DE ESTAR NO MUNDO)

Victoria Camps

Resenha escrita por Carlos A. Navas,
Departamento de Fisiologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo
navas@usp.br



Quem preparava a ceia de Adam Smith? Logo no início, em ‘Tiempo de Cuidados’, Victoria Camps retoma a pergunta que intitula o livro de Katrine Marçal e assim inicia suas considerações sobre sociedade, humanismo, cidade, civismo e ética. ‘Tiempo de Cuidados’ é um livro em que a crítica e a esperança convergem na expectativa de buscar –não uma sociedade perfeita– mas uma sociedade melhor. A esperança está na proposta de uma mudança do ethos, em que uma nova perspectiva ética deveria ser realista. A crítica parte de muitas percepções interrelacionadas, todas elas tendo por base o cuidado como elemento essencial a todas as sociedades humanas, um conceito que deveria ser entendido, simultaneamente, como

um direito e um dever. Além disso, e aqui Camps retoma o trabalho de Carol Gilligan, o cuidado pertence ao universo do humano, e não do feminino, como é tradicionalmente difundido na visão patriarcal. Victoria Camps não apresenta soluções, mas caminhos. Caminhos que circulam pela educação, pela equidade e a recuperação da fraternidade, e que poderiam levar a uma vivência humana na qual o conceito de bem-estar seja reaprendido, mudando, pelo menos um pouco, o balanço entre a liberdade individual e a responsabilidade.

O cuidado é indispensável e inevitável, nos ensina Victoria Camps, no início de uma discussão profunda, agradável e sobretudo

instigante. Sempre fez parte das sociedades humanas, mas tem se tornado cada vez mais relevante e multidimensional. A autora discute a tecnologia, que tanto tem contribuído para entender a vida humana; entretanto, prolongando a velhice, não a juventude. Simultaneamente, Camps destaca a pandemia, como exemplo de quanto aspectos do mundo atual podem afetar de repente e profundamente o cotidiano, fazendo do cuidado atividade primordial. Esta é uma reflexão pertinente, mais ainda dadas as presentes incertezas ecológicas associadas à frequência de desastres naturais, processos conjuntos que se constituem em um grande problema da humanidade. O cuidado em tempos de emergência tem ganhado uma dimensão particular no contexto da presente crise sanitária, o que não escapa à lupa de Victoria Camps. A autora deixa de lado objetivos improdutivos, como procurar culpados, e convida a uma reflexão sobre o que foi realizado. O que fizemos globalmente na pandemia, como sociedade e como sociedades? E, reconhecendo que houve acertos, pergunta: no que acertamos e no que erramos? E, se erramos, por que erramos? E o que podemos aprender?

Camps, empregando a pandemia como âncora, desenvolve uma importante discussão sobre velhice, ética, e cuidado, trazendo reflexões intensas e quiçá tristes, posto que os verbos cuidar e isolar têm dialogado de forma conturbada. E tal situação põe em evidência um ponto principal na discussão posterior da filósofa: a visão reducionista do indivíduo, como ser livre, é fundamentalmente falsa, e guerreia ferozmente com a realidade da interdependência. Camps aplica diversos pontos de vista a essa questão, insistindo, por vezes de forma explícita, por vezes entre linhas, que a

sociedade dita liberal tem como base dominâncias arbitrárias que não podem ser negadas ou escondidas. Tais dominâncias geram opressões que, uma vez naturalizadas, opõem-se ao conceito de coesão social.

Da discussão anterior, diluída nos diversos capítulos, surge também o problema do futuro, ou dos futuros, dadas as múltiplas visões que são ponderadas. Qual deveria ser a visão ética dominante? É viável e desejável pensar em uma ética comum? Victoria Camps cita diversos autores para postular que a ética dominante é centrada nas relações interpessoais, no tempo presente. Entretanto, será tal ética suficiente para o mundo contemporâneo? O texto discute esse ponto sob inúmeras perspectivas. Que ética deve pautar a relação com um ‘eu’ futuro? E com o futuro dos que compartilham o meu presente? E com as gerações do porvir? Como deveria ser incorporado o contexto de ‘cuidado’ quando pensamos no que, e em quem, ainda inexistente? Com essas e outras perguntas como base, Camps argumenta solidamente em favor de uma concepção ética mais republicana, em que uma liberdade estabelecida fora dos parâmetros de dominância deveria ser possível. A autora coloca essa temática, da concepção ética que concerne e afeta a todos, partindo de reivindicações justas, necessárias e específicas contra distorções sociais, incluindo o patriarcado. A insistência da autora, então, é imprescindível. O cuidado, desde todas perspectivas, deve ser atributo humano, pois, no final, “ninguém é dispensado da obrigação de cuidar”.

Uma ética comum, uma ética do cuidado, não poderia ser socializada mediante mudanças normativas, pois requer transformações de compreensões que só são possíveis se consagradas na educação. Trata-se de percepções que

podem ser vistas como novas, ou pelo menos como não dominantes, que precisariam ser paulatinamente incorporadas, e que nesse processo precisam dialogar com a justiça, a ecologia, e com muitos outros saberes e elementos da sociedade. Além disso, essa ética do cuidado requer uma construção permanente e uma visão de certa forma panóptica. Como exemplo, a autora discorre sobre a concepção de urbe. A cidade parte de qual perspectiva e pensa em que? Ou, mais ainda, em quem? Qual o significado de conceitos como acessibilidade, comodidade, conforto, ou ainda, adaptação... Camps discute a construção desses termos e sua perspectiva humanista. Na pergunta acima, ‘em quem’, pensa-se em pessoas autônomas e livres? Mas qual é o grau de autonomia que diferentes membros de uma sociedade podem exercer livremente? E, dado que diferentes formas da perda de autonomia sabidamente existem, e continuaram a existir, devem ser vistas como excepcionais?

Victoria Camps discute esses conceitos de cuidado, indo do individual ao coletivo, do público ao privado, do presente ao futuro, e algumas das questões que propõe geram grande inquietude, pois dialogam de forma complexa

com a natureza humana. A própria autora argumenta: “Não se busca a perfeição, mas melhorar o que existe”; porém, essa melhoria precisa passar por uma modificação do ethos que envolve a já citada educação, mas também pensar no futuro e aceitar um conceito de liberdade que não se fundamente em formas de dominação. A mensagem de Camps é importante, contundente e essencial. O conceito de fraternidade precisa ressurgir em torno a uma casa comum e uma causa comum, dois conceitos que importam também na biologia, e que me são caros, dado meu olhar de biólogo e cientista. A relação da humanidade com o seu futuro será pauta primordial em algum momento, cabe só perguntar o contexto. Pode ser pelas vias do raciocínio e da reflexão, como sabiamente propõe Victoria Camps, ou como algo imposto pela nossa casa comum, via colapso social e ecológico. Estamos no futuro de um passado negligente que privilegiou o individualismo reducionista, e a pandemia nos deixou lições claras. Se vamos aprender, é outra pergunta. Os caminhos serão árduos e difíceis de encontrar, mas a bússola de Victoria Camps pode nos ajudar.

